

APRENDIZAGEM COMO EFEITO DO CORTE PELA PALAVRA

*Lélis Terezinha Marino
Nanette Zmeri Frej
Maria de Fátima Vilar de Melo*

Reconhecer a possibilidade de atravessamento na escola, pela psicanálise, tanto no que diz respeito ao trabalho de psicologia e orientação escolar quanto ao trabalho docente, supõe dar um lugar à palavra.

No espaço escolar, é frequente a leitura das dificuldades de aprendizagem como resultantes das relações familiares e de pais que não mais educam seus filhos. Além desse fator, é recorrente a atribuição de quadros patológicos aos alunos, como eco da leitura psiquiátrica que visa reduzir o sintoma a transtornos e, dessa forma, deixam de interrogar o lugar que este teria na economia psíquica do sujeito.

A esse respeito, Lebrun (2008), ao justificar a incidência efetiva na estrutura subjetiva das mudanças ocorridas em nossas sociedades, aponta a psicanálise como teoria que pode constituir um suporte para explicar como as modificações na vida coletiva afetam a estrutura psíquica. Faz referência à educação como um lugar estratégico, por meio do qual se enodam laço social e subjetividade.

O autor evoca uma nova responsabilidade para o sujeito diante de uma deslegitimação do lugar de autoridade observada atualmente e reitera o lugar da linguagem nesse processo. Assim, afirma que “assumir a modernidade, é assumir que, no fim das contas, a legitimidade só pode se fundar sobre si mesma, ou, dito de outra maneira, sobre as leis da linguagem.” (LEBRUN, 2008, p.25). A linguagem implica necessariamente uma perda, que é justamente a da adequação da palavra ao seu referente. Essa perda requer um trabalho de simbolização que só se efetiva pela falta que permita ao sujeito desejar.

Desde as primeiras palavras que dirige a seu bebê, a mãe transmite o corte que possibilita o salto para além do registro da imediatez entre ela e a criança. O intervalo, próprio à linguagem, marca e diferencia os lugares, da mãe e da criança, dando-lhes a possibilidade de ocupá-los e de neles circularem. Nesse sentido, a aprendizagem relaciona-se à *Aufhebung* freudiana por tratar-se de um movimento que, contendo em si um hiato e um *continuum* entre a palavra e a coisa nomeada, permite o endereçamento de um sujeito ao saber. O endereçamento se apóia no corte e marca a possibilidade de aprendizagem. É justamente este corte que permite a continuidade na transformação do UM originário em Outro.

Quando interrogamos o endereçamento ao saber, é preciso considerar a posição do sujeito em relação ao movimento da *Aufhebung*. Voltando à mãe e seu bebê, sabe-se que o discurso da mãe pode ou não supor um saber na criança. Se a ela é possível interrogar e considerar que seu saber não é totalizante, a mãe pode supor que seu filho formule suas próprias hipóteses. Suposição esta destituída de certeza. Esse é o fruto evidente do corte, da negação que produz o movimento entre a mãe e a criança e, posteriormente, entre professor e aluno. A mãe conserva-se mãe a despeito de sua incompletude. Isso produz a conservação de suas palavras, que a criança transforma em saber que lhe é próprio. Temos aí a própria *Aufhebung* operando.

Lebrun (2004) lê, como um traço da marcação do social pelo discurso científico, o saber dos enunciados que apaga o enunciador e, como consequência, as marcas do trajeto necessário para se chegar ao conhecimento ou informação veiculados. Dessa forma, depara-se com o excesso de informações sem que o sujeito possa implicar-se nelas. O social marcado pelo discurso da ciência consagra o reforço de uma posição materna, sem o contrapeso da alteridade, o que determina a manutenção de uma relação imaginária com o conhecimento. Para Lebrun, o efeito do atolamento no imaginário é

que o registro simbólico introduzido pela mãe não exige ser atualizado. Configura-se, assim, entre os adolescentes e jovens, um quadro de anorexia mental, fazendo referência ao termo utilizado por Anny Cordiè (1996).

Observa-se, nas escolas, adolescentes que não conseguem aprender por não atribuírem sentido aos conteúdos escolares; não conseguem expressar por escrito uma opinião pessoal ou reproduzir o conhecimento utilizando um referencial próprio de significantes.

Ao abordar a anorexia mental, Cordiè retoma o texto de Freud *Inibição, sintoma e angústia* (1926) para definir a inibição como “a expressão de uma limitação funcional do ego que pode ter origens diferentes, sendo uma delas a de evitar o conflito com o id.” O desejo de saber, assimilado a uma pulsão, a pulsão epistemofílica, (*Erkenntnistrieb*) é inibido, havendo a suspensão dos investimentos em direção ao conhecimento. Nesse sentido, o *nada saber* equivaleria ao *nada comer* do anoréxico. Quando a pulsão de saber é interdita, o desejo fica abandonado.

Como visto anteriormente, o modelo atual da sociedade marcada pelo discurso da ciência secreta a atualização da ordem simbólica, uma vez que tenta anular a distância que a lei da linguagem implica. A aprendizagem acontece quando o conhecimento do mundo externo pode ser transformado em conhecimento de sujeito. Esse movimento, como vimos, se dá por meio da palavra, articulada no discurso do outro (pais, professores). O movimento de aprender sustenta-se pela pré-existência do registro simbólico, introduzido pela mãe. Um conhecimento que se articula ao registro imaginário permanecerá sendo o conhecimento do outro. Sem a articulação com o registro simbólico, ele poderá não se tornar um conhecimento próprio do sujeito, possibilitador de aprendizagem. Se o corte da palavra não opera, não haverá hiato por onde o saber possa se constituir. Não haverá a conservação enquanto outro, própria da

Aufhebung. Assim, há o deslizamento para outros lugares, como o da anorexia mental. O deslizamento acontece porque, ao invés de fazer corte, a palavra, na junção, mantém uma continuidade, entre a mãe e a criança e entre o professor e o aluno. A negação própria à *Aufhebung*, que teria por efeito o movimento em direção ao saber não se opera.

O ato de pensar, que supõe uma posição ativa de Sujeito, é conseqüente à possibilidade de deixar o apoio do que foi aprendido pelo outro. Lebrun (2004), ao tratar dessa questão, lembra que pensar é manter-se sem apoio, unicamente com a memória do apoio do outro. É preciso largar o apoio para manter-se e sustentar-se no vazio. Dessa forma, o sujeito pode ancorar-se no lugar de quem se protege no apoio, como forma de não inscrever-se enquanto Sujeito de seu conhecimento, ou mesmo como forma de proteger seu lugar de Sujeito diante do excesso de informações que impedem o seu ato de pensar.

Enfatizamos a palavra, por meio da qual se pode fazer uma aposta no outro enquanto Sujeito. É essa aposta que definirá os lugares pelos quais o sujeito humano poderá circular no que concerne ao aprender.

A leitura da aprendizagem, a partir do movimento *Aufhebung*, supõe considerar que as fronteiras psíquicas, conforme explica Frej (2003), não são totalmente delimitadas, nítidas e estáveis sendo possível a interpenetração dos espaços e o deslizamento da prevalência de um sobre o outro, como lugar privilegiado de ancoragem, ou então, de cristalização para o sujeito. O fato de um lugar prevalecer não impede que o sujeito humano circule em espaços distintos. O deslocamento, afirma Frej, só é possível, porque, a cada avanço gerado pela tendência para retornar ao estado originário, conforme Freud (1920) escreve em *Além do princípio do prazer* algo do que foi ultrapassado permanece e serve de suporte para sustentação do movimento. O corte

primordial, sendo da ordem do não realizado, não deixa de impulsionar o movimento tendente à realização. Esta é uma das razões pela qual este termo, presente ao longo da obra de Freud, inscreve o originário em momentos sucessivos da história do sujeito. Assim sendo, os lugares que foram transpostos não deixaram de existir, de modo que a eles é possível retornar, conforme indicamos acima a respeito da circulação da palavra entre a mãe e a criança.

A aposta no outro enquanto Sujeito à qual fizemos referência terá fundamento se aquele que está no lugar de quem ensina posiciona-se como o Outro, ou seja, alguém que não se coloca no lugar de quem faz prevalecer seu próprio conhecimento, em detrimento da emergência do saber no outro. Sendo assim, sua posição diante daquele que aprende é a de alguém em quem o corte da palavra também operou e que não recusou este corte.

BIBLIOGRAFIA

CORDIÈ, A. **Os atrasados não existem**. Porto Alegre: ARTMED, 1996

FREJ, N. Z. **Le don du nom et son empêchement: au sujet des enfants de rue au Brésil**. Tese (Doutorado em Psicologia). Paris: Université Paris Nord, 2003

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer (1920) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LEBRUN, J.P. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

_____ **A perversão comum: viver juntos sem outro**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

SOBRE OS AUTORES

Lélis Terezinha Marino. Mestre em Psicologia Clínica (Universidade Católica de Pernambuco). Atuação em Psicologia Escolar e Psicopedagogia Clínica.

Nanette Zmeri Frej. Psicanalista, Professora Pesquisadora da Pos Graduação da Universidade Católica de Pernambuco, Professora do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco, Doutora em Psicologia pela Université Paris 13, Pos Doutora pela Université Denis Diderot- Paris 7, Membro da Association Lacanienne Internationale.

Maria de Fátima Vilar de Melo. Professora Adjunta IV do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. Professora do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenadora do Laboratório de Aquisição e Distúrbios da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco.